

Esculturas infinitas

Os anjos com os quais mais simpatizamos são aqueles de quarto ou quinto escalão, feitos de gesso.

Capazes de ironia, esfolados e abertos às susceptibilidades do sexo. Acostumados ao fel e adaptados à vingança; letrados na astúcia, cativam num piscar de olhos.

Passam, alvos, os anjos de gesso e sabemos de seu lugar na hierarquia porque a sua deambulação produz uma cachoeira de ferros e vidros velhos. *Diz-que* é o som dos seus pecados.

Os anjos de gesso, a um passo da queda, trabalham com o lixo. Trazem rotas as sandálias, que perderam, estas sim, de todo, o ar celestial.

Nos balcões, vemo-los a entornar a pinga entre uma mentira e outra. É quando um pouco do pó se desfaz e anuncia, à saída do boteco, mais milímetros perdidos da asa sutil.

Como sabem nos olhar nos olhos e questionam autoridades injustificadas, esses anjos provocam também paixões baixas como a ira.

Já se relatou mais de um caso de homens e mulheres em fúria que guardaram

temporariamente os crachás e avançaram contra eles.

Munidos de desespero e de um martelo, desejavam romper o gesso dos anjos; e bem no meio do peito, onde supostamente lhes moraria o coração.

E aconteceu, vez sim, vez não, de o gesso se partir e deixar a plateia entrever, pelas fendas, a alma maciça dos anjos: de estanho, cobre ou pedra-sabão.

Isso para escândalo, diga-se, de quem julgava que os anjos de quarto ou quinto escalão, pela leveza da performance, seriam apenas moldes vazios de gesso.

O regular, entretanto, é que os amemos mais que a nós mesmos. Especialmente quando esperam na fila, batem a canela na quina ou juntam, nas bermas da estrada, as beatas.

Efetivamente esplendoroso é o seu patético voo de gaivotas tontas. Aliás, igual a estas, os anjos de gesso usam o seu canto-grito como uma lança nas manhãs: cravando o amarelo no ambiente onde o céu e o mar buscavam galvanizar em nós o desejo da burra unanimidade do azul.

Figadal

“risca fósforo
só por brinquedo?
pois acaba queimado!”
a mãe, se viva, diria.
“mija depois na cama”,
e pesa, no sonho,
o mau cavaleiro.
“não foi por falta
de *olha-lá...*” aponta
o isento público
sempre a posteriori.

noves fora, todavia,
repousam nas escápulas
os rabiscos da abstrata ousadia
– esta coisa sem cores,
feita de agulhas.

e o sol que abrasa
com as tintas de Gauguin
a moleira da humanidade
colhe o ton sur ton
de girassol murcho
em nuvem de poeira
do globo ocular de Prometeu,
esmaecido pela hepatite crônica.

mas o herói, como nós,
“dá ao luxo” e se compraz
ao ver seu reflexo
– estátua possível –
nas ferraduras do castigo,
que, renitente, chega de galope.

Clã

Para o Hans Magnus

Todos me morreram.
Já faz anos e quando tento recordar
vem-me a extravagante ideia
de que foi meio que tudo ao mesmo tempo.

Além destes idos há uns que moram longe.
Numa terra que de tão distante
parece o passado da terra.

Justiça seja feita à valente exceção da tia, ali.
Ela mora defronte; a uma unha negra de
[perigosa distância.

Naquele seu jeito de velhinha benigna
eu sei que ela esconde os códigos
capazes de desenlear o caos
do velho jogo sem vencedores.

Ela talvez seja a única nesta encarnação
que se lembre de quem eu fui.
Embora reiteradamente finja que tem
[problemas de memória.

Especialmente quando me trata como criança.